

A leitura de gibis como metodologia de ensino e de aprendizagem: uma proposta para despertar o habito de ler em alunos da 5ª série do colégio Magistral.

Araújo, Douglas Menezes
duglasmenezes@hotmail.com

França, José Marcos. (orientador)

A leitura de gibis como metodologia de ensino e de aprendizagem: uma proposta para despertar o habito de ler em alunos da 5ª série do colégio Magistral, proporciona na escola um único objetivo “o interesse conjunto das crianças, instaurando a pratica da leitura na escola. O aprendizado é maior quando o aluno percebe que a leitura o viabiliza na pratica, pois procura conhecê-la com mais interesse. Muitas leituras ao invés de chamar atenção, afastou e distanciam, pondo em duvida a situação da leitura na escola.

Introdução

O presente trabalho “A leitura de gibis como metodologia de ensino e de aprendizagem: proposta para despertar o hábito de ler em alunos da 5ª série do colégio Magistral”, tem como principal objetivo incentivar a leitura tendo como base os quadrinhos.

Para que se consiga uma leitura sadia e prazerosa é importante que a criança compreenda a função da leitura e, especialmente, o motivo dela querer aprender. Esta fase deverá estar bem consolidada à entrada da escola, mas terá de ser um trabalho contínuo. Este processo de estímulo à aprendizagem da leitura não é inato, nem se ensina, mas nasce e consolida-se ao longo da prática cotidiana.

Esse tema foi proposto pelo fato dos quadrinhos despertar mais atenção das crianças, é uma leitura de lazer e muito prazerosa. Tem-se as cores, a fala, os desenhos, e muitas vezes fazendo com que o leitor sinta-se o próprio herói.

Numa sociedade dividida em classes, o saber também acaba por ser dividido, os mais sucedidos têm mais acesso aos dois saberes (códigos lingüísticos) e os pobres só ao restrito (sendo comum).

O fato da criança carente não ter acesso ao código elaborado não significa que ela seja incapaz de produzir tal código, significa que ela está sendo injustiçada e marginalizada por uma estrutura social baseada na luta, conflito e na competição. Assim, um código não é superior ao outro.

Atualmente o que prevalece ainda no sistema educacional é a construção de um mundo frio, lógico, analíticos, tristes e competitivos. O professor de português desse colégio diz que: “É preciso deixar a criança ler o que gosta, pois vai tendo prazer no habito da leitura”.

Assim para aprendizagem do processo da leitura, não basta reconhecer letras e junta-las, dando significados à palavra. Este vai além da simples decodificação, uma vez que são necessárias às habilidades trabalhadoras, mas também prioritário estar-se atento às expectativas da criança ao conteúdo e ao contexto.

As historias em quadrinhos surgiram no século XIX com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, sobretudo a imprensa.

Em 1895, o jornal New York World produziu uma seção humorística, ilustrada por Richard Outcaub, criador da personagem Yellow kid (rapaz amarelo). Os leitores gostaram tanto dos quadrinhos que os vendeu do jornal aumentaram. Outros jornais seguiram essa idéia e, em pouco tempo, os quadrinhos se popularizaram em toda a América, espalhando-se também para os outros continentes. Foi assim que tudo começou.

A primeira revista a publicar histórias em quadrinhos no Brasil foi o Tico Tico, lançada em 1905.

Os primeiros quadrinhos eram traduções de histórias estrangeiras como Buster Brow (Chiquinho, no Brasil), de Outcaub. Houve, também, uma pequena geração de personagens nacionais, representados pelo trio Reco-Reco, Bolão e azeitona, de Luís de Sá.

A partir dos anos 1930, aumentaram as produções estrangeiras publicadas em revistas como gibis, cujo nome acabou se tornando sinônimo da revista de histórias em quadrinhos daqueles tempos pra cá surgiram muitas histórias em quadrinhos criados por autores nacionais, por exemplo, A Turma da Mônica, de Mauricio de Souza, e o Menino Maluquinho, de Ziraldo.

Jean Foucambert em seu livro “A leitura em Questão”, inaugura uma concepção pedagógica na formação do alfabetizado, mas do leitor.

No sistema educacional, encontra-se hoje, um grande desafio: incentivar os alunos ao hábito de leitura.

É aí que os gibis entram em ação, talvez por ser uma linguagem jovial.

A leitura de lazer é muito mais prazerosa, pois a criança lê com ansiedade e vigor, essa leitura desperta na criança uma vontade imensa de ler. Os gibis vão chamar as crianças e estimulá-las a outras leituras.

Esse tipo de leitura, faz com que às crianças transportem-se para outro mundo, levando-os à fantasia, à imaginação e a criação.

Para a execução da pesquisa, adotei procedimentos metodológicos baseados nos princípios de pesquisa ação, através dos quais busco encontrar um desenvolvimento interativo entre a criança e o pesquisador, de modo a produzir um verdadeiro conhecimento do problema.

A pesquisa de campo foi interessante, pois os alunos demonstraram interesse a tanto que pediram para que fosse repetido.

Motivação Para Ler e Interesse Pela Leitura de Gibis

Motivar é impulsionar e intencionar o comportamento para que os alunos comecem a ler as revistas em quadrinhos, o ponto de partida e o próprio.

Para que eles criem o hábito e o prazer, pois segundo pesquisas feitas em sala de aula, constata-se que as crianças adoram gibis, pois segundo eles despertaram e proporcionaram um prazer imenso.

As cores, as onomatopéias enfim a linguagem e muitas vezes a criança imagina-se o próprio herói, fazendo com que a transmita para um outro mundo, fantasioso, amaginario.

Más ler revistas em quadrinhos, as crianças vão ampliando o seu conhecimento e a vontade de conhecer outras leituras.

O professor têm que assumir verdadeiramente o papel de interprete e os alunos possam ler através dele.

A pratica de incentivo à leitura das revistas em quadrinhos tem que ser diária. O orientador não pode perder as esperanças, mesmo tem que ser mero incentivador e XXXX, mostrando e debatendo sobre a importância e a eficácia dos gibis.

Ler significa desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.

A leitura é um dos meios mais eficazes atos humanos de desenvolvimento sistemático da linguagem prosperidade.

A leitura de gibis, favorece a renovação das barreiras educacionais, concebendo oportunidades de educação e informação.

Muitas vezes os gibis ajudam na tarefa de atingir uma meta educacional, de desenvolver a personalidade das crianças se ajudar a estabelecer um conceito de mundo.

Durante muito tempo as histórias em quadrinhos foram tidas e havidas como uma sub-literatura prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças.

A dinâmica do consumo, que em nosso século aproxima qualitativamente os quadrinhos do cinema, televisão e rádio, provoca uma pergunta específica à sua estruturação: quem consome as histórias em quadrinhos?

Explosão criativa: As Vanguardas

Os quadrinhos em si, como organismo vivo e atuante, já são vanguarda se encorados dentro da perspectiva feroz do consumo.

Os quadrinhos sempre foram marcados por uma estrutura repetitiva. Com efeito, a maior parte das histórias em quadrinhos apresenta exatamente uma natureza sobre uma série contínua de repetições e variações do tema fundamental.

O principal papel do vanguardista, hoje, é desmistificar a obra de arte. Neste sentido, os quadrinhos são desmistificação de literatura. (prosa/ Poesia).

Os grandes momentos dos quadrinhos

Nasceram no final do século passado, simultaneamente na França e nos E.U.A.

Os quadrinhos nasciam como uma narrativa visual acionada por cortes e elipses, capaz de materializar, na conareta da pagina, os códigos lingüísticos (balões, legendas, onomatopéias).

Sociedade x Leitura: ler é uma questão de habito. Desde que os chefes de estudo que integram a organização dos estudos ibero-americanos – OEI – escolheram 2005 como o ano ibero-americano da leitura, em 2003, muito se tem em prol do desenvolvimento de estratégias que possam favorecer a criação de um habito de leitura em todo o país.

No Brasil, o programa foi batizado com o nome de viva – leitura e é comentado por uma série de ações propostas pelo Governo Federal, através dos ministérios da cultura e da educação. O maior desafio de educadores, bibliotecários, escritores, eleitores, livreiros e organização não-governamentais é identificar, estimular e dar visibilidade a tudo que se faz pelo pois a fora em favor da leitura.

Marisa Lajolo afirma que:

Numa sociedade como a nossa em que a divisão de bens de rendas e dos lucros é tão desigual, não se estranha que a desigualdade similar esteja associada também à distribuição de bens culturais já que a participação em boas partes destes últimos é medido pela leitura, habilidade de que não está ao alcance nem mesmo de todos aqueles que foram à escola (200/p.6).

A sociedade necessita de pessoas capacitadas e conhecedores da leitura, essas têm que se habilitarem ler desde pequenos. É na infância que os pais precisam ensinar e instruir os filhos ao habito de ler, dar-lhes, gibis, livros infantis, como por exemplo: O Sitio do Pica pau-Amarelo, de Monteiro Lobato, etc.

Os pais e os educadores tem que está contribuindo para criar nas crianças e nos jovens o prazer pela leitura. Ambos tem um papel fundamental nesse processo, que deve começar cedo. A criança se espelha nas atitudes dos pais. Se o pai e a mãe têm o habito de ler, ela vai querer imitar.

O professor como educador têm que propor passeios a bibliotecas e livrarias. Tudo bem que o livro, é caro, mas tem muitas coleções com preço em conta no mercado.

A criança têm que ir à esses lugares por vontade própria, por imposição não funciona.

Os textos deste tipo destinados a esta fase devem ter pouco texto, muitas gravuras e rimas, tratando de animais e objetos conhecidos e cenas familiares ao mundo infantil.

Começa com os gibis, com suas onomatopéias. É um momento bastante compensados, na medida em que a criança vem vencendo gradativamente as dificuldades do código escrito e começa a realidade uma leitura rítmica e de palavras. Seu grande de é a leitura enquanto o domínio do texto em nível de compreensão.

Dotada de pensamento instintivo, a criança mantém neste período a mentalidade mágica, adquirindo ao mesmo tempo conceitos de espaço, tempo e causa. Suas preferências são as histórias do cotidiano, que envolvem pessoas, animais e fatos do mundo familiar, da escola e da comunidade próxima. As revistas em quadrinhos retratavam o universo infantil em termos de suas relações com os adultos, suas dificuldades na manipulação de situações novas de independência, seus problemas (lentidão, necessidade, de um óculos, o primeiro dia de aula, etc.)

A leitura interpretativa

O estágio da leitura interpretativa, é aquela em que a criança adquire fluência no ato de ler e evolui da simples compreensão imediata à interpretação das idéias do texto.

O desenvolvimento da inteligência infantil atinge o nível das operações concretas. A autonomia dos processos nervosos centrais permite à criança classificar, ordenar e enumerar dados, há, portanto, uma maior orientação para o mundo, mas a apreensão do real se dá através da fantasia. Através da vivência de situações mágicas, a criança resolve seus conflitos e adota-se melhor ao mundo em que vive. Os interesses infantis dirigem-se, então, para o maravilhoso, o animismo, os seres sobrenaturais, de um lado, e o humor, o folclore, as histórias de índios, de outro.

Os livros infantis destinados a essa fase devem conter textos curtos com o apoio eventual na ilustração. Ao lado dos contos de fadas tradicionais, uma outra vertente se oferece à criação os contos de fadas modernas, que questionam as normas estabelecidas, procurando, assim, desenvolver o espírito de observação, de crítica, de busca de novas soluções.

Há portanto, uma preocupação maior com a realidade, embora permaneçam eventuais momentos de fantasia. A capacidade de discernimento do real e a maior experiência de leitura transformam o processo, se efetivando o desenvolvimento das habilidades críticas.

Explosão Cristim: As Vanguardas

Toda a arte do nosso tempo é arte da vanguarda. Os quadrinhos em si, como organismo vivo e atuante, já são vanguarda se encarados devido perspectiva feroz do consumo. Todavia, ao fazer-se um corte criativo em sua própria linguagem, detecta-se a existência de acadêmicos e impulsionadores de novas formas expressionais.

Winsor Mccay, com little Nemo (1905), foi vanguarda; Alex Raymond, com flash Gordom (1933), também o foi.

É preciso caracterizar o problema da vanguarda nos quadrinhos:

- a) Por vanguarda entende-se a criação de novas linguagens – a partir de totalidade cultural, sob o programa do experimentalismo crítico, forjando novas realidades informacionais na luta pela lógica do consumo.
- b) Torna-se fundamental evitar a redundância – daí o contra – estilo : estratégia de soluções;
- c) A importância dos projetos a versões – opções criativas.

Os quais os quadrinhos sempre foram marcados por uma estrutura repetitiva: “com efeito, a maior parte das histórias em quadrinhos apresenta exatamente uma natureza repetitiva: isto é, são baseadas sobre uma série contínua de repetições e variações do tema fundamental.

Esta estrutura repetitiva é absoluta, isto é, constante em todas as histórias em quadrinhos de fundo cômico. Acontece o contrário disso mas Serious Comics- ou seja, nas histórias em quadrinhos chamados de aventura; - a estrutura repetitiva é freqüentemente disfarçada por uma aparência de história que se expande irreversivelmente no tempo. Criando, assim, um dado bastante embaraçoso para uma possível vanguarda nos quadrinhos. Desde que o consumo impõe soluções estatísticas redundantes, a própria idéia de vanguarda como imprevisibilidade entra em conclusão com a sua ossatura quantitativa.

O papel do Vanguardista na Atualidade

Desmistifica a obra de arte. Nesse serviço, os quadrinhos são desmistificação da literatura (prosa/ poesia).

Esta é uma época das explosões – atômicas, sonoras, demográficas, elétricas, - aponta-se aqueles que alimentam os autores e obras, na tentativa de renovarem os pilares estruturais dos comics, antes centralizando a proveniência do consumo como um salto sobre > enigma: controlar as táticas da comunicação – ou seja controlar o adversário.

Conclusão

Para superar, com sucesso, as etapas que envolvem o ensino e aprendizagem da leitura, é preciso saber por que se está lendo.

Para muitas crianças, a leitura está intimamente associada às atividades e exigência da escola. Concluindo o período de escolarização, elas deixam de ler porque a “vida” agora significa para elas algo muito diferente da escola.

Outros entretenimento e meios educacionais superam a leitura.

É preciso fazer da leitura um hábito determinando por motivos permanentes, e nas por inclinações mutáveis.